

## **Análise linguística da obra “preconceito linguístico” de Marcos Bagno: aplicações coloquiais**

### **Linguistic analysis of Marcos Bagno's "Linguistic prejudice": colloquial applications**

DOI:10.34117/bjdv7n12-089

Recebimento dos originais: 12/11/2021

Aceitação para publicação: 06/12/2021

#### **Adna Azevedo Silva**

Graduação em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa  
Universidade Estadual do Maranhão – Campus São João dos Patos  
Endereço: R. Padre Santiago, s/n – Centro, São João dos Patos – MA, 65665-000  
E-mail: adnaazevedo777@gmail.com  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4310598064148285>

#### **Ismael Santos Araújo**

Graduação em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa  
Universidade Estadual do Maranhão – Campus São João dos Patos  
Endereço: R. Padre Santiago, s/n – Centro, São João dos Patos – MA, 65665-000  
E-mail: ismael.s@acad.ifma.edu.br  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1161362631702423>

#### **Rhamyflis Khalil Sousa de Miranda**

Graduação em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa  
Universidade Estadual do Maranhão – Campus São João dos Patos  
Endereço: R. Padre Santiago, s/n – Centro, São João dos Patos – MA, 65665-000  
E-mail: ramyfliskhalil@gmail.com  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9834361087935176>

#### **RESUMO**

O estudo das variedades linguísticas mantém características singulares dos emissores por diferentes comunidades existentes, uma vez que cada falante manifesta suas particularidades individuais (identidade cultural) por meio da língua. Destarte, existem fatores que não podem ser negligenciados ao comportamento linguístico, como a distribuição de renda em larga escala geográfica, gênero, faixa etária, etnia, dentre outros. Portanto, torna-se importante uma discussão sistêmica sobre a prática didático-pedagógica, favorecendo a garantia de um aproveitamento estrutural dentro dos limites comunicativos, objetivando a valorização da Identidade e o regionalismo de um povo. Para o desenvolvimento da pesquisa, junto aos objetivos, buscou-se analisar as abordagens teóricas de (BAGNO,1999) em sua obra “preconceito linguístico, o que é, como se faz.” Contemplando o referencial teórico, realizou-se uma análise intrínseca das abordagens do teórico (BARTHES, 1993), em sua obra “Mitologias.” Assim sendo, possibilitou-se um estudo detalhado sobre os diversos preconceitos que a língua sofre, a partir da história e dos embates teóricos, ligados à gramática normativa, fatores preponderantes na comunidade linguística, priorizando o ensino -aprendizado sobre a língua falada.

**Palavras-chave:** Identidade, linguística, preconceito, valorização, ensino-aprendizagem.

## **ABSTRACT**

The study of the linguistic variety shows singular characteristics of the emitters by different existing communities, since each speaker manifests its peculiarities through language. Thus, there are factors that can not be neglected to the linguistic behavior, such as the geographic distribution of income, gender, age group, ethnicity, among others. Therefore, a systemic discussion about didactic-pedagogical practice is important, favoring the assurance of a structural use within the communicative limits, aiming at the valorization of Identity and regionalism. For the development of the research, together with the objectives, we sought to analyze the theoretical approaches of (BAGNO, 1999) in his work linguistic prejudice, which is, as is done. Looking at the theoretical referential, an intrinsic analysis of theoretical approaches (BARTHERS, 1993) was carried out in his work Mythologies. In this way, a detailed study on the various prejudices that the language suffers, starting from the history and the theoretical conflicts related to normative grammar, prepowering factors in the linguistic community, prioritizing the learning about the spoken language.

**Keywords:** Identity, linguistics, prejudice, appreciation, teaching-learning.

## **1 INTRODUÇÃO**

A partir de uma análise reflexiva sobre algumas peculiaridades quanto a utilização da língua, Marcos Bagno, em sua obra “preconceito lingüístico, o que é, como se faz,” possibilita ao leitor, analisar de forma detalhada, os diversos preconceitos que a língua sofre, a partir da história e dos embates teóricos, ligados à gramática normativa, fatores preponderantes na comunidade linguística, priorizando o aprendizado sobre a língua mãe.

Ao iniciar as abordagens, com enfoque na temática, BAGNO explica a existência dos mitos, referentes ao preconceito linguístico, enumerando-os em oito tipologias que refletem o comportamento das pessoas, quanto a utilização própria ou imprópria da língua. Ele relata as variações e, principalmente, algumas atitudes que os linguístas apresentam ao estudarem o português oralizado e escrito.

O primeiro mito, exposto pelo autor, tem como ênfase: “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”. As caracterizações sobre esse mito, considerado um dos mais complexos, ocorre em decorrência de vários estereótipos culturais, uma vez que o próprio indivíduo não tem conhecimento sobre as variações que a língua sofre em detrimento à cultura. Desse modo, ocorre um prejuízo precário dentro do processo de ensino-aprendizagem.

O segundo mito, é intitulado como: “O brasileiro não sabe português/ só em Portugal se fala bem português”, levando em consideração as dicotomias que acontecem dentro da língua falada e escrita, entre Brasil e Portugal. As noções de certo e errado são

discutidas e comparadas mediante a análise entre o que é comum a ser falado por todas as pessoas ao utilizarem a língua materna.

O preconceito, pautado na própria cultura do indivíduo, torna-se algo marcante, bem como discorre o terceiro mito, sendo: “O Português é muito difícil”. Por conseguinte, os aspectos e a existência de uma gramática própria e universal, cria a ilusão que a língua nativa é uma tarefa impossível de ser totalmente reproduzida pela nação. Em decorrência a esse preceito, as pessoas privam-se quanto a utilização de elementos existentes no seu próprio idioma. Segundo o autor, o uso da norma culta torna-se um privilégio para poucos, e por esta razão isso é mantido como “status quo”, perante as classes que possuem maior visibilidade econômica.

No destoar da obra, o literato justifica a existência do quarto mito, exposto como: “As pessoas sem instrução falam errado”. Essa ideia parte de uma análise ligada em uma tríade, a qual é implantada dentro da escola, destacando a própria escola, os aspectos da gramática e o dicionário como manual de significados. Destarte, o desconhecimento total e temporário das variações orais, ocorre em detrimento a diversidade cultural que existe no espaço geográfico. Segundo BAGNO, os fenômenos linguísticos, como por exemplo, a palatalização, poderiam alterar o entendimento de uma fala normal, “feia,” ou até mesmo “errada.” Por sua vez, acaba provocando um jogo de questões, não em foco da língua falada, mas do indivíduo que se ocupa em falar essa língua.

“O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”, esse é o quinto mito trabalhado nas abordagens do autor.

Por quê? Por que o que acontece com o português do Maranhão, em relação ao português do resto do país, é o mesmo que acontece com o português de Portugal, em relação ao português do Brasil. (BAGNO, 1999, p.64).

Nessa perspectiva, levando em consideração a análise argumentativa, sobreposta pelo literato, em referência ao quinto mito, vê-se que não existe uma variação que excede a outra, ou seja, cada uma apresenta diferenças, com características padrões dentro dos limites estruturais, impostos pela gramática normativa. Logo, as variações que a língua sofre, são necessárias para manifestar uma comunicação eficaz dentro da sociedade.

Consoante as abordagens, surge o sexto mito, cognominado: “O certo é falar assim, porque se escreve assim”. Entretanto, possibilita um olhar diferenciado e analítico sobre a língua escrita/falada. Uma das maiores consequências desse mito é o aprendizado por meio das expressões inseridas no discurso, considerado as mesmas como “artificiais”.

“É necessária uma ortografia única para toda língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito”. Assim sendo, vê-se que a escrita é transmitida distorcidamente por muitos docentes, como se fosse a forma correta de falar a língua, cancelando os fenômenos de variações linguísticas.” (BAGNO, 1999, p.69)

Como sétimo mito alcunhado: “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”: Nesse preceito, Bagno trabalha uma das questões mais delicadas na perspectiva do ensino da língua, evidenciando a gramática como alvo principal, e tendo como finalidade, as descrições para o funcionamento da língua, mas que de maneira errônea, traz instrumentos ideológicos de poder e controle social majoritário. À vista disso, a norma culta existe sem dependência da gramática. Porém, a apresentação desse mito, concretiza-se em distorção histórica, ocasionada por uma confusão existente entre língua e gramática normativa. Isso denuncia, conforme BAGNO (1999), a presença de mecanismos ideológicos, agindo através da imposição de normas gramaticais conservadoras no ensino da língua.

Com o finalizar do mitos, vê-se que existe a possibilidade de trabalhar uma conclusão do primeiro capítulo, que enfatiza o início da obra, levando em consideração a existência de outro mito, o oitavo, cujo é cognominado em: “O domínio da norma culta como um instrumento de ascensão social”, surgindo como complemento para o primeiro mito citado por BAGNO (1999). Ambos teriam uma ligação de conotação social, atrelados ao poder político e econômico.

Não adianta tentar “endireitar” a língua “distorcida” de um falante do português não-padrão”. (BAGNO, 1999, p.89),

É essencial pontuar que esse preceito que o autor coloca no explanar das abordagens, ataca apenas o efeito provocado pela ação, e não a causa que impede o acesso desses falantes sobre a norma culta.

O segundo capítulo da obra, designado: “O círculo vicioso do preconceito linguístico”, Bagno provoca um alerta ao leitor. Para perpetuação dos mitos, existem três elementos: o ensino tradicional, gramática tradicional e livros didáticos, os quais unidos entre si, funcionam para a manutenção de um círculo vicioso do preconceito. Outrossim, Luiz Antonio Sacconi, Napoleão Mendes de Almeida, Josué Machado, são escritores considerados por muitos, verdadeiros e conceituados gramáticos, mas que na verdade reforçam os aparatos de maior parte do preconceito linguístico com pronunciamentos vãos.

“A desconstrução do preconceito lingüístico” e “O preconceito contra a Lingüística e os lingüistas”, fazem parte do fechamento deste livro, obra de grande relevância para acadêmicos e demais profissionais do mercado que têm a curiosidade de saber mais sobre o funcionamento da língua em suas dimensões coloquiais, onde em detrimento aos enfoques trabalhados pelo trabalho de Bagno, reconhece os aparatos de uma crise dentro do ensino da língua portuguesa, uma vez, sugerindo alternativas para que possa ocorrer mudanças de atitudes, inclusive ao questionar devidas noções de “erros”. E, fundamentalmente, aborda o contexto de alguns problemas básicos para a mudança ideológica, como a desconstrução de aspectos da norma culta, tal como “bem reservado a poucas pessoas no Brasil”, por razões situacionais, econômicas, culturais, financeiras e sociais, etc.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Em contra partida, cabe salientar que por intermédio de indivíduos críticos e socializados, é importante haver uma imposição de falantes. Desse modo, enquanto professores atuantes em língua portuguesa, não é sensato alimentar a manutenção de dogmas impostos pela elite, para manter status quo. No entanto, com a adoção de uma nova visão significativa sobre a língua, ao subsidiar uma completa análise do conhecimento gramatical, perante o desenvolvimento de atividades reflexivas, como essas, a linguagem deixaria o critério de exigência, passando por estudos mais amplos e concretos para o ensino e aprendizagem nas escolas do país.

“Poderoso instrumento de ocultação da verdade, manipulação do outro, de controle, de intimidação, de opressão, de emudecimento” (p. 126).

Mediante o pensamento exposto, com o crescimento das variações linguísticas, bem como o preconceito, é necessário que a sociedade, principalmente na classe de pessoas de alto poder aquisitivo, tenham um novo refletir acerca das transformações no campo da linguística, uma vez que essas mudanças ocorrem para a melhoria do meio social, na tentativa de sanar problemas, como por exemplo, os casos de mortes ocorridos em diversos estados, ocasionados, em grande parte pelo preconceito linguístico partido de alguém com poder aquisitivo mais abrangente, ou mesmo entre culturas que partilham diferentes princípios de identidade linguística. Assim sendo, o preconceito será minimizado com atitudes eficientes, a fim de concretizar a razão pela qual possibilitou o

desenvolvimento da intolerância contra o léxico, perante as abordagens manifestadas em relação ao uso da língua.

É fundamental a busca por um novo olhar da realidade, trazendo conceitos mais amplos para a vida dos educadores e educandos. E para que isso ocorra, é necessário uma análise ampla dos indivíduos, a partir das tomadas de decisões.

Segundo (BARTHERS, 1993, p.150-152), e levando em consideração as discursões realizadas na completude dos argumentos, poder-se-á afirmar que a função do mito é transformar a história em naturalidade, do segmento construção de identidades sociais, porque é através dessa naturalização que o mito passará a ser vivenciado e aceito como uma fala inocente. Logo, a linguagem é a única responsável por desnaturalizar esse preceito.

Desta forma, BAGNO trabalha a mitologia do preconceito linguístico, na perspectiva de descortinar as meras possibilidades de combatê-lo. No entanto, quando os indivíduos pensam que falam certo e escrevem “errado” sua língua, estão naturalizando uma ideia preconcebida pelos sentidos, e em consequência disso, aceitam de maneira lógica este estigma, que impede a reflexão criteriosa do comportamento linguístico.

Em segunda análise, é importante destacar que a gramática normativa também possui suas contribuições para o indivíduo, proporcionando a universalização da língua em determinados segmentos circunstanciais, de forma específica, como em palestras, redações, dentre outros mecanismos de fala e escrita, os quais adotam princípios ligados à gramática.

Outro fator preponderante, diz respeito as cobranças dos profissionais da língua, dentro das avaliações impostas. No entanto, é necessário uma análise significativa, a partir dos conteúdos trabalhados, integralizando o contexto em que os indivíduos estão inseridos, com a utilização de atividades críticas para considerar a visão de cada discente participante. Entretanto, o educando deverá ter uma visão singular para a contemplação da identidade ideológica e crítica na formação, desenvolvimento pessoal.

Para tanto, os educadores precisam romper com princípios estabelecidos ou mesmo, ultrapassados, como por exemplo: a mecanização em massa, pulverizada, a partir dos ensinamentos de tempos passados, como a decoreba de regras gramaticais, ou mesmo os conteúdos que não são dialogados em aula, e os discentes, tomam o lugar de passivos nesse processo de ensino e aprendizagem. Além disso, os envolvidos diretamente no processo de conhecimento, que fazem a mediação dos conteúdos, precisam viver os

momentos comuns, compreendendo a atualidade e saber que a sala de aula torna-se um local de troca, e não apenas um meio de inserção para o mercado de trabalho.

Em outras perspectivas, cabe frisar que o aluno deve ser visto como um sujeito ativo, que busca sua identidade, através das ideologias, bem como a natureza observacional dos fatos analisados e ao mesmo tempo, cercados aos redores da sociedade. Para tanto, precisa que os professores rompam com modelos remotos, como: mecanização e/ou “decoreba”, anotações de resumos de textos, exposições, que não seja a dialogada em sala de aula. Enfim, que a sala de aula seja vista como um local de interlocução, de troca, onde haja a interpretação e reintegração da realidade social sobre os sujeitos.

No entanto, o português não se constata apenas em detrimento a combinações de sílabas, palavras, verbalizações, configurações morfológicas ou sintaticamente amontoados de letras. Logo, vai além desse complexo de ideias preconcebidas pela mente. Ocasiona-se, a partir da construção de sentidos, partindo, desde as concepções sociais, quanto ao funcionamento da língua, até as interações existentes entre os processos da comunicação humana.

Contudo, atualmente o perfil da sociedade que temos, possui um complexo de exigências no que tange a produção e desenvolvimento do conhecimento. Por esta razão, o educador, na sociedade contemporânea torna-se oportuno, pela razão de viver em uma cultura totalmente midiaticizada, tendo como preferência os estereótipos, das disposições sociais, ligadas ao preconceito linguístico, étnico, das rotulações impostas pelas camadas, colocando o negro, as comunidades LGBT's, como forma de discriminação, retirando-os do meio social e provocando problemas de inquietude mental. Por conseguinte, necessita-se de uma análise ampla, reflexiva e conceitual, para que objetivos possam ser traçados, postos em práticas e por fim, realizados com êxito na formação e do cidadão.

Logo, como responsável pela terça parte do processo, o educador poderá usufruir do conhecimento científico, propondo a compreensão dos problemas, das mudanças, da conjuntura política, e buscando trabalhar uma sistemática de aprendizagem ligada ao contexto moderno, para favorecer e fomentar os avanços da aprendizagem.

Responder aos preceitos citados, torna-se algo difícil para muitos, mas ao mesmo tempo, indispensável no processo. É interessante que haja um novo posicionamento para que muitas situações tornem-se perpetuadas, logo é cabível postular as experiências com a prática didático- pedagógica, para livrar-se de hábitos antigos, com rapidez, ao ser adquiridos.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao analisar todo o trabalho de Bagno, possibilitou-se encontrar um discurso marcadamente político, organizado, completo e significativo para o ensino de língua portuguesa dentro das escolas. No entanto, percebe-se claramente uma profunda preocupação sobre os rumos do ensino da língua materna, quando é usada uma linguagem metafórica, comparando a língua a um rio que segue seu curso naturalmente e a gramática normativa a um igapó (trecho de mata inundado com água parada às margens de um rio), Bagno provoca um olhar amplo a par da estagnação entre a gramática normativa e a língua mãe, trabalhada dentro do contexto educacional.

Considerando os objetivos da pesquisa, das abordagens do autor, percebe-se uma intenção, pautada na análise completa e reflexiva sobre o desenvolvimento de um instrumento para combate do preconceito linguístico. Frisa-se que não se pode deixar de recomendar essa questão dentro da academia de letras, junto aos acadêmicos envolvidos no processo, porque é a partir da academia que o preconceito começa, e dessa forma polui a sociedade, tanto em nível de terceiro grau como em nível de pós-graduação, em áreas cujo foco é o ensino/aprendizagem de língua materna.

Ademais, convém frisar que o educador deverá se adequar as experiências com a linguagem, para que os aluno possam dialogar, interagir, tendo como complemento a utilização da linguagem oral, por meio de estratégias em leituras dinâmicas, consistentes, para a consecução de objetivos mútuos. Para tanto, a utilização de textos motivadores, principalmente na prática de análise linguística, torna-se algo inovador, bem como uma experiência singular, na perspectiva dos alunos. Dessa forma, convém se perguntar, por que os educadores contemporâneos deve se adequar a utilização de plurais na língua? No entanto, fala-se em contexto amplo, porque nas diversas camadas sociais, a linguística (ciência que estuda a língua), apresenta as dicotomias do falar regional, periférico e social, uma vez que em diversos ambientes a diversidade linguística está presente, como por exemplo, no bar, nas periferias, no setor industrial, nas camadas políticas, nos diversos setores comumente ligados ao mundo. Diante disso, é essencial que o meio educacional como parte, a escola, apresente uma pluralidade.

Desta forma, a escola perpetuará o ensino da norma culta, pois se ela não for a responsável quem poderá contornar a situação? Todavia, o campo educacional, principalmente, em nome da escola, como espaço de formação do ser, tem a obrigação de oferecer recursos sobre as variações que a linguagem possui, ou seja, os modos necessários para a utilização própria da língua, aplicada ao contexto, na dependência

estabelecida pelo sistema dos usuários, como por exemplo, os aspectos físicos e biológicos sobre a faixa etária, o nível de escolaridade, dentre outros enfoques. Diante disso, cabe destacar a existência múltipla de algumas variações, como a dialética, de registro, cada uma apresentando as particularidades, através do momento situacional envolvido no processo e o setor pelo qual o indivíduo está inserido, tendo como base o país ou mesmo, a camada social pertencente.

Nessa perspectiva, o educador que proporciona a diferença, possibilitará uma formação digna, promovida pela ascensão e desenvolvimento cognitivo dos alunos, através da dualidade existente leitura e escrita. Para tanto, é de fundamental importância que tenha uma base de acesso aos códigos da língua. Pois, é a partir desses, que o indivíduo poderá ter acesso ao sistema linguístico apresentado, atribuindo valores, construindo conceitos diversos, com significações amplas e subjetivas. Assim sendo, proporcionará um despertar novo sobre o mundo, além da realidade pela qual circundamos.

Neste âmbito, o professor deverá atuar, transpondo o significado objetivo, e ao mesmo tempo, literal, para a situação transcorrida, em enunciação, na vida, exigindo que cada educando possa incorporar novos mecanismos, mediante fatores externos que a linguagem pode oferecer para análises, dentro da comunicação. Levando em consideração que as condições materiais, históricas, dialéticas, que mediam a existência humana, promove a diferença e contribui para o desenvolvimento e promoção de novas gerações críticas, analíticas, objetivas e altamente potencializadas no que tange o conhecimento linguístico.

Nesse sentido, o educador deve partir dos pressupostos funcionais, limitando a gramática no processo educacional. Acontece, que as vezes, o professor pode ter conhecimento rebuscado, a par da norma culta e acaba não explorando a gramática como deveria ser pesquisada ocasionando um desequilíbrio dos estudantes, para o despertar no estudo da língua portuguesa.

Cabe destacar que a gramática não deverá se tornar o centro do processo educacional, mas torna-se o apoio ao professor, evitando que situações desmotivadoras, possa ocorrer no contexto linguístico dos alunos envolvidos, pois, os mesmos, saberão por base, adequar-se as situações recorrentes.

Portanto, o educador em Língua Portuguesa deve ser organizado, competente, dinâmico e entender as limitações individuais de cada educando. No entanto, as mudanças podem ocorrer em curtos períodos, mas para que isso aconteça, uma tomada de decisões

concretas e desejáveis deve haver, para o fortalecimento e concretização dos objetivos sistematizados no contexto atual com novos métodos e estratégias voltadas para esses propósitos. Adequando o uso das tipologias textuais, como forma de ampliar a sistemática da língua, na promoção de leituras diversas e práticas de escrita, como ferramenta de fundamental importância na perpetuação dessas mudanças.

Dessa forma, as concepções pedagógicas apresentadas, possibilita que o ensino se torne amplo, oportuno, principalmente nas técnicas em vivenciar a gramática, a partir de uma análise textual, tendo como base as teorias da linguística, facilitando a formação do aluno, como sujeito importante no processo e possibilitando expressar criticamente suas opiniões, a defesa do pensar ao ponto de vista inserido. Enfim, reverenciar o caráter discursivo, perante o viés promovido pela língua.

Portanto, a realização dos preceito expostos, resultam em certezas amplas: as novas concepções teóricas, envolvidas no contexto atual, são necessárias para que os sujeitos tornem-se aspirantes e ao mesmo tempo, almejem a ascensão social sobre as diversas camadas existentes, bem como a diversidade de regras existentes morfológica e sintaticamente, a partir da língua portuguesa, mostrando que a comunicação existe em textos organizados, coerentes e sistematizados, para que no final do processo, o conteúdo proporcione eficiência. No entanto, é impossível estudar a gramática sem exemplos cotidianos para a inserção de elementos mórficos e ricos em regras de apoio comunicativo.

Nesse sentido, no contexto da atualidade, busca exigir que o professor tenha um conhecimento da realidade de ensino, apresentada no dia a dia, comparada ao passado, principalmente, analisando a fala como contraparte da escrita, levando em consideração a inspiração, e a comunicação em mecanismos dinâmicos, desde que se parta as noções de sujeito, do discurso consolidado, tendo como base a diversidade educacional em sala.

O ensino da gramática torna-se algo fundamental para os alunos, quando o professor utiliza as situações, dentro do ensino, ou seja no uso específico da enunciação viva dos falantes, jamais adequando-se a pretextos para uso de regras gramaticas afrontadas pela gramática normativa.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. preconceito lingüístico – o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BARTHES, Roland. Mitologias. 9ªedição.Trad.Rita Buongiorno e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Berthrand Brasil, 1993.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. PCN: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa, 1997.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo & VIEIRA, Sílvia Rodrigues (Orgs.). Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007.

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: linguagens. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005. V.1.

DIONÍSIO, Ângela Paiva (Orgs). Gêneros textuais e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

FELDEMANN, Marina Graziela. Formação de professor e escola na contemporaneidade. São Paulo, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 2011.